

## A SEMANA – 221

23 de agosto de 1896\*

Contrastes da vida, que são as obras de imaginação ao pé de vós!

Vinha eu de um banco, aonde fora saber notícias do câmbio. Não tenho relações diretas com o câmbio; não sago sobre Londres, nem sobre qualquer outro ponto da terra, que é assaz vasta, e eu demasiado pequeno.<sup>1</sup> Mas tudo o que compro caro, dizem-me que é culpa do câmbio. “Que quer o senhor que eu faça com este câmbio a 9?” perguntam-me. Em vão leio os jornais; o câmbio não sobe de 9. O que faz é variar; ora é 9 1/8, ora 9 1/4, ora 9 3/8. Dorme-se com ele a 9 15/16, acorda-se a 9 3/4. Ao meio-dia está a 9 1/2. Um eterno vaivém na mesma eterna casa. Sucedeu o que se dá com tudo; habituei-me a esta triste especulação de 9, e dei de mão<sup>2</sup> a todas as esperanças de ver o câmbio a 10.<sup>3</sup>

De repente, ouço dizer na rua que o câmbio baixara à casa dos 8. A princípio não acreditei; era uma invenção de mau gosto para assustar a gente, ou algum inimigo achara aquele meio de me fazer mal. Mas tanto me repetiram a notícia, que resolvi ir às casas argentárias saber se realmente o câmbio descera a 8. Em caminho quis calcular o preço das calças e do pão, mas não achei nada, vi só que seria mais caro. Entrei no primeiro banco, à mão, e até agora não sei qual foi. Gente bastante: todos os olhos fitavam as tabelas. Vi um 8, acompanhado de pequenos algarismos, que a cegueira da comoção não me permitiu discernir. Que me importavam estes? Um quarto, um oitavo, três oitavos, tudo me era indiferente, uma vez que o fatal número 8 lá estava. Esse

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 236, p. 1, 23 ago. 1896), SEMMA (p. 348-352) e SEM1953 (v. 3, p. 256-263). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> Alusão ao verso final da estância 106 do canto I de *Os Lusíadas*. Transcrevemos a referida estância aqui: “No mar tanta tormenta e tanto dano, / Tantas vezes a morte apercebida; / Na terra tanta guerra, tanto engano, / Tanta necessidade avorrecida! / Onde pode acolher-se um fraco humano, / Onde terá segura a curta vida, / Que não se arme e se indigne o Céu sereno / Contra um bicho da terra tão pequeno?” (CAMÕES, 2005, p. 33)

<sup>2</sup> dar de mão: “abandonar, pôr de lado, afastar de si”. (NASCENTES, 1966, p. 175)

<sup>3</sup> Na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 235, p. 1, col. 1, 22 ago. 1896), lê-se: “O mercado abriu hoje [21 ago. 1896] às taxas de 8 7/8 e 9 d. [dólar] [...]. No decorrer do dia teve o mercado uma ligeira oscilação, quando fecharam-se cambiais bancários a 8 13/16 d., mas pouco depois restabeleceu-se, voltando os saques a 8 7/8 d. Havia dinheiro para letras particulares no começo a 9 d., mas a este preço não apareceram vendedores”.

algarismo, que eu presumia nunca ver nas tabelas cambiais, ali me apareceu com os seus dois círculos, um por cima do outro. Pareceu-me um par de olhos tortos e irônicos.

Perguntei a um desconhecido se era verdade. Respondeu-me que era verdade. Quanto à causa, quando lhe perguntei por ela, respondeu-me com aquele gesto de ignorância, que consiste em fazer cair os cantos da boca. Se bem me lembro, acrescentou o gesto de abrir os braços com as mãos espalmadas, que é a mesma ignorância em itálico. Compreendi que não sabia a causa; mas o efeito ali estava, e todos os olhos em cima dele, sem a consternação nem o terror que deviam ter os meus. Saí; na rua da Alfândega, esquina da da Candelária, havia alguma agitação, certo borborinho,<sup>4</sup> mas não pude colher mais do que já sabia, isto é, que o câmbio baixara a 8. Um perverso, vendo-me apavorado, assegurava a outro que a queda a 7 não era impossível. Quis ir ao meu alfaiate para que me reduzisse a nova tabela ao preço que teria de pagar pelas calças, mas é certo que ninguém se apressa em receber uma notícia má. Que pode suceder? disse comigo; chegarmos à arazoia; será a restauração da nossa idade pré-histórica, e um caminho para o Éden, *avant la lettre*.

Enquanto seguia na direção da rua Primeiro de Março, ouvia falar do câmbio. Quase a dobrar a esquina, um homem lia a outro as cotações dos fundos. Tinham-se vendido ações do Banco Emissor de Pernambuco a mil e quinhentos; as *debentures*<sup>5</sup> da Leopoldina chegaram a obter seis mil setecentos e cinquenta; das ações da Melhoramentos do Maranhão havia ofertas a quatro mil e quinhentos, mas ninguém lhes pegava. Dobrei a esquina, entrei na rua Primeiro de Março, em direção ao Carceler.<sup>6</sup> Ia costeando as vitrinas de cambistas, cheias de ouro, muita libra, muito franco, muito dólar, tudo empilhado, esperando os fregueses. Vinha de dentro um *fedor judaico*<sup>7</sup> de entontecer, mas a vista das libras restituía o equilíbrio ao cérebro, e fazia-me<sup>8</sup> parar, mirar, cobiçar...

– Vamos! exclamei, olhando para o céu.

Que vi, então, leitor amigo? Na igreja da Cruz dos Militares, dentro do nicho de S. João, estavam três pombas. Uma pousava na cabeça do apóstolo, outra na cabeça da águia, outra no livro aberto. Esta parecia ler, mas não lia, porque abriu logo as asas e trepou à cabeça do apóstolo, e a que estava na cabeça do apóstolo, desceu à cabeça da águia, e a que estava na cabeça da águia, passou ao livro. Uma quarta pomba veio ter com elas. Então começaram todas a subir e a descer, ora parando por alguns segundos, e

<sup>4</sup> borborinho,] burburinho, – em SEM1953.

<sup>5</sup> *debentures*] debêntures – em SEM1953.

<sup>6</sup> Carceler era o nome de uma confeitaria que dera nome à região onde estava localizada, na rua Primeiro de Março, perto do mar. No século XIX, era um dos principais corredores culturais do Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> *fedor judaico*: a expressão deriva do mito segundo o qual os judeus emitiriam cheiro fétido. Parece que a expressão tem origem na Antiguidade (Roma).

<sup>8</sup> fazia-me] faria-me – em GN. Acatamos a lição de Aurélio, que, aliás, já vinha em Mário de Alencar.

o santo quieto, deixando que elas lhe contornassem o pescoço e os emblemas, como se não tivesse outro ofício que esse de dar pouso às pombas.

Parei e disse comigo: Contrastes da vida, que são as obras da imaginação ao pé de vós? Nenhuma daquelas pombas pensa no câmbio, nem na baixa, nem no que há de vestir, nem no que há de comer. Eis ali a verdadeira gente cristã, eis o sermão da montanha, a dois passos dos bancos, às próprias barbas destas casas de cambistas que me enchem de inveja. Talvez na alma de algum destes homens viva ainda a própria alma de um antigo que ouviu o discurso de Jesus, e não trocou por este o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. Cuida das libras, como eu, que visto e me sustento pelo valor delas, mas eis aqui o que dizem as pombas, repetindo o sermão da montanha: “Não andeis cuidadosos da vossa vida, que comereis, nem para o vosso corpo, que vestireis... Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam,<sup>9</sup> nem fazem provimentos nos celeiros; e contudo, vosso pai celestial as sustenta... E por que andais vós solícitos pelo vestido? Considerai como crescem os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam... Não andeis inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã a si mesmo trará o seu cuidado; ao de hoje basta a sua própria aflição.” (S. MATEUS).<sup>10</sup>

Realmente, não cuidavam de nada aquelas pombas. Onde é o ninho delas? Perto ou longe, gostam de vir aqui à águia de Patmos.<sup>11</sup> Alguma vez irão ao apóstolo do outro nicho, S. Pedro, creio; mas S. João é que as namora, neste dia de câmbio baixo, como para fazer contraste com a besta do Apocalipse, a famosa besta de sete cabeças e dez cornos, – número fatídico – talvez a taxa do câmbio de amanhã (7 1/10).<sup>12</sup>

Afinal deixei a contemplação das pombas e fui-me à farmácia, a uma das farmácias que há naquela rua. Ia comprar um remédio; pediram-me por ele quantia grossa. Como eu estranhasse o preço, replicou-me o farmacêutico: “Mas que quer o senhor que eu faça com este câmbio a 8?” Como ao grande Gama, arrepiaram-se-me as carnes e o cabelo, mas só de ouvi-lo.<sup>13</sup> A vista era boa, serena, quase risonha. Quis raciocinar, mas raciocínio é uma coisa e medicamento é outra; saí de lá com o remédio e

<sup>9</sup> segam,] regam, – em GN, em SEMMA e em SEM1953. Provável erro de transcrição. No Evangelho (Mt. 6,26) vem: “Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem *segam*, nem fazem provimentos no celeiro; e contudo vosso Pai celestial as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que elas?” (BÍBLIA, 1866, p. 936; grifo nosso)

<sup>10</sup> Mateus 6,25-26, 28 e 34. (BÍBLIA, 1866, p. 936-937) Consultamos exemplar da edição (de 1866) da Bíblia que Machado de Assis tinha em sua biblioteca. (Ver JOBIM, 2001, p. 41)

<sup>11</sup> águia de Patmos: antonomásia de João, o Evangelista, autor do *Apocalipse*, que teria vivido (exilado) na ilha grega de Patmos. A águia é animal que simboliza.

<sup>12</sup> câmbio de amanhã (7 1/10).] câmbio de amanhã (7 1/0). – em GN e em SEMMA; câmbio de amanhã (7/10). – em SEM1953. Entendemos que a unidade (7) deve vir seguida por uma fração (1/10). Gustavo Franco (2007, p. 222-227), que transcreveu esta crônica, adotou a solução (7/10).

<sup>13</sup> Alusão ao episódio em que Vasco da Gama descreve o gigante Adamastor: “Tão grande era de membros que bem posso / Certificar-te que este era o segundo / De Rodes estranhíssimo Colosso, / Que um dos Sete milagres foi do mundo. / Com um tom de voz nos fala, horrendo e grosso, / Que pareceu sair do mar profundo. / Arrepiam-se as carnes e o cabelo, / A mim e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!” (CAMÕES, 2005, p. 123 [*Lusíadas*, V, 40]; grifo nosso)

um acréscimo de quinhentos réis no preço. Contaram-me<sup>14</sup> que já não há tostões nas farmácias, nem tostões, menos ainda vinténs. Tudo custa mil-réis ou mil e quinhentos, dois mil-réis ou dois mil e quinhentos, e assim por diante. Para a contabilidade é, realmente, mais fácil; e pode ser que o próprio enfermo ganhe com isso – a confiança, metade da cura.

Na rua tornei a erguer os olhos às pombas. Só vi uma, pousada no livro. Que tens tu? perguntei-lhe cá de baixo, por um modo sugestivo. Se é a besta de sete cabeças, não te importes que venha, contanto que não lhe cortes nenhuma. Já temos a de oito: menos de sete cabeças é nada. Paguei nove mil-réis pelo remédio, mas antes nove que quatorze, no dia em que a besta ficar descabeçada, porque então o mais barato é o melhor de todos os remédios. E a pomba, pelo mesmo processo sugestivo:

– Que tenho eu com remédios, homem de pouca fé? O ar e o mato são as minhas boticas.

Quis pedir socorro<sup>15</sup> ao apóstolo; mas o mármore, – ou a vista me engana, ou o apóstolo gosta das suas pombas amigas, – o mármore sorriu e não voltou a cara para não desmentir o estatuário. Sorriu, e a pomba saltou-lhe à cabeça, para lhe tirar comida, pagar, ou para lhe dar um beijo.



---

<sup>14</sup> Contaram-me] Contaram-se – em SEM1953.

<sup>15</sup> socorro: palavra ilegível na *Gazeta*. Adotamos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.



**Fachada da igreja de Santa Cruz dos Militares**

FONTE: <[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/337927/1/rj\\_scm\\_00.JPG](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/337927/1/rj_scm_00.JPG)>.



**Detalhe da fachada da igreja de Santa Cruz dos Militares: S. João Evangelista**

FONTE: <[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/337927/1/rj\\_scm\\_00.JPG](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/337927/1/rj_scm_00.JPG)>.

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 236, p. 1, 23 ago. 1896. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=14779](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14779)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

BÍBLIA sagrada. O Velho e o Novo Testamento traduzidos em Português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Londres: Oficina de Harrison e Filhos, 1866.

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

FRANCO, Gustavo H. B. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOBIM, José Luís (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2001.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. Ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.